

A CIDADE EMPREENDEDORA

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO. Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

Cena 1

Um menino de 12 anos estaciona a moto elétrica na calçada do bar. Tira da mochila alguns doces, chocolates e chicletes. Entra no bar, pede licença ao casal e diz: *estou vendendo esses produtos porque quero juntar meu primeiro milhão.* Sou empreendedor. O homem interrompe a cerveja, ouve com certo encanto, mas em tom de escusa: *não tenho dinheiro aqui.* O menino negocia, vende a ideia: *eu passo Pix e tenho maquininha de cartão.*

Cena 2

Era depois do almoço, eu acho, havia uma garoa, e na ilha da avenida estava uma jovem em pé, segurava o guarda-chuva na mão esquerda e a mão direita estendida suportava o peso do pote de paçoquinhas. E numa folha de papel A4 pregada com a fita adesiva no pote de paçocas estava a publicidade: *tenho sonho em ser empresária.*

Tudo tem um começo. #souempreendedor. O silêncio, a mão e a publicidade eivam-se do empreendedorismo.

Cena 3

Um rapaz sai de casa 5 da matina, pega dois ônibus para chegar ao colégio. Na mochila, junto aos materiais escolares, estão o uniforme e a marmita. Ritualiza, fone no ouvido conectado ao celular, mania o aparelho e logo cai nos shorts do *Youtube*. Surge um vídeo ilustrativo de como ganhar um milhão a partir do zero. O técnico do caminho da fortuna fala invocado, cheio de si. Mistura riqueza, espiritualidade evangélica, física quântica e sucesso como adventos das escolhas dos sujeitos. O rapaz desce empolgado com a mensagem de poder de decisão em se enriquecer. Ficar milionário é somente um exercício de escolha. Chega à escola, não viu sentido na aula de literatura. Espera ansioso o professor de matemática e pede aulas de matemática financeira. Pega a mochila empolgado e percebe que a marmita abriu no caminho. A comida derramada e a fome sujaram os sonhos do pretense milionário.

Há, nas instâncias virtuais, uma semiotização imagética do fácil enriquecimento. Sujeitos bem-sucedidos propagandeiam que ganhar grana é mezinha na chupeta, traçam estratégias de aplicação e retorno, vendem cursos de investimento nas bolsas de valores. Patrões falam pedagogicamente das estratégias para arrastar uns milhões em poucos anos. Criou-se uma euforia na classe média, as reuniões familiares dominicais misturam macarronada, frango, mercado financeiro, Renda Fixa, BPC e as detalhadas biografias dos grandes empresários. Não existe somente um endeusamento ao patrão, mas a vontade de ser o patrão, é, sobretudo, o culto individualista de si. Os corpos empreendedores são patrões e empregados numa perversa simultaneidade da produtividade. A mão que chicoteia pertence ao mesmo corpo que recebe a chibata, há a autoflagelação do sonho meritocrático. Esta nova religião fortificou seus testamentos nos pastores das finanças, os *coachs*, no desprendimento dos direitos trabalhistas, por parte dos trabalhadores, e o suspirar coletivo pela riqueza alheia. Estas cenas de jovens e crianças em trabalhos informais perdem-se na infinidade de recortes de miséria urbana, as quinas e esquinas das cidades estão penduradas de gente que busca o sustento na aspereza da informalidade, mas criam um interessante canal de comunicação entre o emissor e receptor. O argumento discursivo da barganha comercial não é a fome, o desemprego dos pais, a doença degenerativa que come os músculos da irmã caçula. Isso não gera a comoção necessária para o consumo. A estratégia é vender o sucesso do investidor e não a miséria mendicante do trabalhador precarizado. A molecada, que nasceu no útero proletário, converte-se à nova seita cheia de receitas. A Escola tornou-se *démodé*. Chata. As redes sociais desfilam com imagens de sucesso, o *feed* da mulher que ficou podre de rica fazendo bolos de pote e o *influencer* mundialmente famoso gritando RECEEEEBAA são oposições cruéis aos anônimos batedores de ponto. Um aluno não vê sentido em estudar álgebra, pois ele já escolheu sua profissão, será *youtuber*. No mundo empreendedor, a autoajuda substitui os poemas de Drummond, a psicologia comportamental coloca a psicanálise no *divã*, a crítica ao colonialismo transforma-se em uma gratidão permanente ao chicote eugenista do colonizador. A liturgia do empreendedorismo assenta no lugar do sucesso rápido, gozo permanente e a materialização estratégica de todas as relações humanas. Cultua-se o exercício físico da produtividade, a insônia da rentabilidade, afinal, feliz é aquele que dorme pouco e trabalha muito. Os ditos *podcasts* são os confessoriais destes pequenos deuses, não há pecado ou remorso, nesta religião, claro, a confissão é gloriosa. As piadas planejadas e as falsas risadas sojigam os trabalhadores assalariados. Não sei quando começa o pastor e nem quando termina o *coach*. E o fiel espera o sucesso financeiro, que não virá. Sai Jesus. Entra Elon Musk, este sim nos salvará e nos levará ao reino dos céus. O menino dos doces não é um empreendedor, é um trabalhador infantil. A jovem das paçocas não é uma empreendedora, é uma desempregada. O rapaz, que carrega o uniforme do emprego na mochila, não é um empreendedor, é um subempregado.



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.